

Sobre a Educomunicação

Eliany Salvatierra Machado,
doutoranda na ECA/USP e
docente na Faculdade Cásper Líbero

O presente texto tem como objetivo refletir sobre o campo de intervenção social denominado Educomunicação. A motivação para escrever e apresentar o trabalho *Sobre a Educomunicação* veio após o início da pesquisa que estamos realizando, que tem como proposta a formulação do quadro teórico de referência da Educomunicação, e, principalmente, por ter participado do Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa da Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinar da Comunicação – Intercom, nos dois últimos anos de 2006 e 2007.

A intenção não é defender uma linha teórica específica no campo da comunicação, mas apresentar o que entendemos por Educomunicação e contribuir com o reconhecimento da área e do ofício do Educomunicador. O que estamos chamando de Educomunicação? Para responder à questão, em primeiro lugar tentaremos localizar a Educomunicação no campo acadêmico da Comunicação.

Tomamos campo acadêmico da comunicação: a graduação composta pelas habilitações; jornalismo, relações públicas, publicidade e propaganda, rádio e televisão (em alguns casos: audiovisual ou cinema) e produção editorial, conjuntamente com a pós-graduação: mestrado e doutorado. Segundo Capparelli e Stumpf¹, quando analisado o início e a consolidação do campo acadêmico dos estudos de comunicação no Brasil, devemos levar em consideração a origem dos programas de mestrado e de doutorado no país.

“Los programas de maestría y de doctorado de La Pontificia Universidad Católica de São Paulo (PUCSP) y de la Universidade Federal de Río de Janeiro (UFRJ), por exemplo, tuvieron su origen en curso de Letras o eran, inicialmente, programas de posgrado em Literatura. Ya El mayor de todos, El de La Universidad de São Paulo (USP), se organizo em término departamentales al principio de los años setenta, com maestría y doctorado em

¹ CAPPARELLI, Sergio y STUMPF, Ida Regina C. El campo académico de la comunicación, revisitado, In.: Comunicación campo y objeto de estudio, LOPES, Maria Immacolata Vassallo de y NAVARRO, Raúl Fuentes (coord.)

periodismo, relaciones públicas, publicidad, producción editorial, etc.”
(Capparelli e Stumpf, 2001, p.59)

Para Capparelli e Stumpf, a origem literária dos programas da PUC de São Paulo e da UFRJ parece que influenciou as linhas de pesquisa e as interfaces da comunicação com outras áreas das ciências humanas. Na USP, a existência de uma organização departamental esteve relacionada diretamente com as profissões jornalismo, relações públicas, publicidade, produção editorial etc. No país, até 1996, o campo era formado por sete programas: Comunicação e Artes, da USP; Multimeios, da Unicamp; Cultura Contemporânea, da UFBA; Comunicação, da UFRJ; Comunicação, da UnB; Semiótica, da PUCSP e Comunicação, da UMEESP. Outro aspecto a destacar são os interesses de pesquisa dentro do campo da comunicação, que envolve: Semiótica, Literatura, Televisão, Jornalismo, Arte, Discurso Jornalístico, Educação, Novas Tecnologias, Cultura, Cinema, Imprensa, Comunicação Organizacional, Imagem, Subjetividade – ligada a psicanálise, Narrativa, Música, Estudos de Recepção, história e Filosofia.² Observa-se, através de Capparelli e Stumpf, como o campo comunicacional, desde a origem dos seus programas de pós-graduação, é abrangente e polifônico.

Lopes, ao definir a área da comunicação como *campo* usa o termo a partir de Bourdieu³ e define que o campo acadêmico da comunicação define-se como um conjunto de instituições de educação superior destinadas ao estudo e ao ensino da comunicação, onde se produz teoria, pesquisa e a formação universitária dos profissionais da comunicação. Para Lopes, o campo acadêmico tem três subcampos: o científico, o educativo e o profissional. Logo, o campo não seria definido pela polifonia, mesmo sendo essa uma das suas características.

Capparelli, Stumpf e Lopes reconhecem o campo acadêmico da Comunicação com habilitações nas áreas: jornalismo, relações públicas, publicidade, rádio e televisão, produção editorial e, em algumas universidades do país, Turismo. Contudo, não existe na formação dos programas nenhuma habilitação que envolva a prática do comunicador ligada à educação, ou seja, não existe uma habilitação para o comunicador educador ou

² Dados fornecidos por Capparelli e Stumpf. *Opus Cit.*, p. 61,

³ “Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relação constante, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, sua estratégia” (Bourdieu, 1997, p. 57, In.: Lopes, dez 2000 – fev. 2001, p. 48)

a formação da licenciatura da comunicação. Na pós-graduação - mestrado e doutorado -, admitem-se pesquisas com o tema educação como interfase. Na ECA-USP foi aberto uma interface chamada de Educomunicação.

“Trata-se das interfaces sociais da comunicação com a educação enquanto organizadoras dos fluxos da informação e do conhecimento, orientando pesquisas que estudam os modos pelos quais a comunicação vem sendo usada para introduzir, na pauta da sociedade, temas e questões de interesse para as práticas educativas formais, informais e não-formais. Além disso, volta-se às maneiras como o sistema educativo trabalha a recepção das mensagens da comunicação social sobre suas audiências e usuários, às práticas educativas mediadas pelos processos e linguagens da comunicação, aos usos das mediações tecnológicas pelos sistemas de ensino presencial e a distância, bem como à gestão da comunicação em espaços educativos”⁴

O campo acadêmico da Comunicação ao se autodenominar como *campo* reconhece o ensino – formação do educando para operar com a comunicação -, a pesquisa – produção de conhecimento sistematizado nos subcampos -, e, a atuação profissional – a comunicação aplicada. Reconhece que há distintas disciplinas que se entrecruzam, mas não discute se o campo pode ser dividido em bacharelado e licenciatura, como fez a História, a Filosofia, a Sociologia ou mesmo a Biologia, a Química e a Física.

Nas perspectivas teóricas que fundamentam o campo acadêmico da Comunicação na pesquisa, os estudos que se inserem na linha Comunicação e Educação, no Brasil, na sua grande maioria, utilizam como bibliografia básica o pedagogo Paulo freire, isto é, um pedagogo orienta teoricamente vários trabalhos no campo, mesmo assim não temos como programa a Educomunicação.

Lima⁵, ao sistematizar as teorias da Comunicação disponíveis na história da pesquisa brasileira no campo, cria um quadro apontando oito modelos teóricos, aos quais, ele atribui o nome de acordo com a palavra-chave que melhor exprime cada uma

⁴ WWW.eca.usp.br. Data de acesso em 21/04/2008.

⁵ LIMA, Venício A. de. “Breve roteiro introdutório ao campo de estudos da Comunicação Social no Brasil”. In: LIMA, Venício A. de. *Mídia, teoria e política*, São Paulo: Perseu Abramo, 2001, p. 21-53.

das articulações teóricas. Os modelos são identificados como: Manipulação, Persuasão, Função, Informação, Linguagem, Mercadoria, Cultura e Diálogo.⁶

O modelo da comunicação definido como Diálogo teria sido, segundo Lima, elaborado por Paulo Freire, em 1960. Contudo, Freire não teve como objeto a comunicação, mas a Educação. Lopes, quando discute o campo da Comunicação defende que o campo é polifônico e interdisciplinar, ou seja, se serve das várias disciplinas para analisar a própria comunicação.

O campo da Comunicação, na América Latina, a partir de Paulo Freire e da sua proposta mais conhecida - a educação popular -, visualiza a possibilidade de trabalhar com a comunicação popular como processo para leitura crítica dos meios e do mundo e construção de espaços onde o diálogo seja exercido. A partir do que se entende por *processo comunicacional* e *diálogo* na Comunicação é que alguns mal-entendidos ocorrem. Pois, nem sempre o que se entende por *processo comunicacional* está relacionado com o uso dos meios de comunicação de massa, explico: instaurar processos comunicacionais ou implementar *ecossistemas comunicativos* para a Educomunicação não está intrinsecamente ligado à Comunicação enquanto Comunicação e Meios, isto é, se seguirmos a idéia inicial vinda de Paulo Freire.

O campo acadêmico da Comunicação atualmente tem analisado e discutido o seu objeto e sua metodologia, por isso são profícuos os trabalhos apresentados nos grupos de epistemologia, tanto da Intercom como da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós. O campo da Comunicação está se discutindo e por isso esse é o melhor momento para avaliar se cabe, no campo, uma licenciatura ou se a educação é uma das muitas disciplinas que auxiliam nas análises da própria comunicação.

Dentro do campo acadêmico da Comunicação, a Educomunicação, já aparece como interface em um dos programas de pós-graduação. Mas, ainda não é reconhecida como habilitação. Dependendo do programa de graduação, das ementas de algumas disciplinas e de trabalhos apresentados no Núcleo de Pesquisa da Intercom o que vemos é que a Educomunicação pode ser nomeada também como Mídia-Educação, Educomídia, Comunicação e Educação, inter-relação Comunicação e Educação ou Comunicação/Educação separada por uma barra. Mas, para cada nomenclatura proposta há uma concepção de análise, não sendo próximas ou convergentes para todos os casos.

⁶ *Ibid.*, p. 37

Educomunicação não deve ser confundida com o uso dos meios de comunicação de massa em espaços educativos formais ou não formais e nem como ferramenta para trabalhar com meios.

Dos movimentos populares à academia

O campo acadêmico da comunicação no seu processo de auto-avaliação e reflexões epistemológicas tem tratado o termo *comunicação* relacionado aos MCM - Meios de Comunicação de Massa, há casos de pesquisadores que defendem que o objeto da comunicação são os MCM. Por outro lado, as habilitações, em comunicação, estão totalmente voltadas à formação profissional para a atuação com os MCM. Nessa perspectiva, as discussões sobre Educomunicação, no Brasil, em alguns casos relacionam a área ao uso dos meios na educação. Mas, quando o termo foi apresentado pela primeira vez, na conclusão do Projeto Perfil⁷, o objetivo era justamente legitimar um ofício e uma prática que nasce nos movimentos populares e que, não tinha com expectativa apenas o uso dos meios, mas princípios ideológicos e políticos. É por isso que Soares afirma que a Educomunicação não surge na acadêmica – não surge como demanda do mercado ou como projeto de licenciatura.

Quando Soares apresenta que um novo campo de intervenção emerge, em 1996, ele não estava relacionando a Educomunicação a um campo acadêmico, mas a um campo de práticas que atua nos e com os movimentos sociais na transformação social, ou seja, tem em seu bojo uma perspectiva ideológica, política. A conclusão do projeto Perfil aponta para a legitimação de um ofício que já era desempenhado na América Latina, aliás, foi justamente demonstrar, reconhecer e definir as práticas educacionais a meta do projeto Perfil. Tanto na Venezuela como no Uruguai, Argentina, Chile, Cuba e Brasil, pessoas chamadas de comunicadores populares, a partir da década de 1960, desenvolveram projetos com comunidades rurais, urbanas, indígenas etc., com objetivos de promover a expressão popular através dos meios ou através de práticas artísticas (nesse sentido, o teatro estava muito presente) e para essas atividades deu-se o nome de processos comunicacionais ou trabalhos desenvolvidos em Comunicação e Educação.

⁷ A inter-relação Comunicação e Educação no âmbito da Cultura Latino-americana – O Perfil dos pesquisadores e especialistas na área. Relatório FAPESP – processo 96/07259-2, São Paulo.

Alguns dos projetos, tal como *Cassete Fórum*, desenvolvido por Mário Kaplún, teve como objetivo usar a comunicação, bem como os meios para a organização popular – entende-se aqui popular enquanto grupos organizados, comunidade de bairro, associações, sindicatos, ligados à classe trabalhadora. O objetivo não era produzir programas para serem veiculados na programação da Rádio comercial, mas contribuir com a formação da comunidade.

Na América Latina, vários comunicadores populares foram formados em oficinas, seminários, encontros dos movimentos populares e não nas graduações universitárias. A motivação na maior parte dos casos veio de Paulo Freire, mas não para o uso dos meios de comunicação de massa, senão para o uso da comunicação enquanto processo comum a todos, diálogo, capacidade de expressão, direito à comunicação.⁸

A Educomunicação não nasce na Universidade, surge do que foi chamado de militância – do desejo de ter uma sociedade sem as divisões de classe. O objetivo do comunicador popular não era utilizar os meios, ao contrário no período de 1960 a 1980, o objetivo era denunciá-los. No período da década de 1980 é que as orientações mudam, pois as estratégias políticas também mudam, as pesquisas no campo acadêmico da comunicação apontam novos olhares e os próprios comunicadores populares repensam suas práticas.

Soares, quando apresenta o termo, o faz para nomear o campo de intervenção, defender a existência do ofício e para propor que a academia assumisse a formação dos futuros educadores. O que se entende por campo de intervenção neste caso? Campo que atua através de práticas comunicacionais no contexto social, através de estratégias políticas, de projetos com a comunidade, com a educação informal⁹ e formal. Intervir não para fazer parte dos MCM. Intervir para provocar mudanças sociais. Nesse sentido, o termo *campo*, de Bourdieu, é usado, mas não como referência a um campo acadêmico, e sim como *campo de intervenção* – com práticas diversas e, às vezes, até contraditórias, mas sempre com perspectivas ideológicas.

Foi com a expansão das novas tecnologias que o campo acadêmico da comunicação e a área da educação começaram a se interessar pelos aparatos

⁸ Está justamente na dificuldade de dominar o repertório acadêmico a escassez de textos e intervenções ditas acadêmicas por parte dos comunicadores populares. Nesse sentido, Ismar de Oliveira Soares, Gabriel Kaplún e Jorge Huergo tem realizado várias contribuições, já que eles dominam o texto acadêmico e fazem parte da academia.

⁹ A educação não formal define-se como uma atividade educacional organizada e sistemática, levada a efeito fora do marco de referência do sistema formal, visando propiciar tipos selecionados de aprendizagem a subgrupos particulares da população sejam adultos ou crianças. In: ALVES, Patrícia Horta *apud* GOHN, Maria da Glória.

tecnológicos, inicialmente para o uso dos meios na educação e posteriormente como processo educacional.

A chamada Comunicação popular não nasce na academia e muito menos com a expansão tecnológica.

“De certo modo, pode-se dizer que é um modelo gestado na América Latina. Mas, recebeu valiosas contribuições de pedagogos e sociólogos europeus e norte americanos, na nossa região Freire e outros educadores imprimiram com clareza a orientação social, política e cultural e a elaboraram como uma ‘pedagogia do oprimido’ como uma educação para a democracia e um instrumento para a transformação da sociedade”¹⁰

Logo no início do livro *Una pedagogía de la comunicación – el comunicador popular*, Mario Kaplún afirma que quando fazemos Comunicação Educativa – termo utilizado por ele para definir também comunicação popular em processos educativos -, estamos sempre buscando, de uma forma ou de outra, um resultado formativo. A produção da mensagem, na perspectiva de Kaplún, seria para que os destinatários tomassem consciência da sua realidade, para que se suscitasse uma reflexão, para gerar uma discussão, ou seja, para que ocorresse o processo de formação e transformação. Nesse sentido, os meios de comunicação são concebidos como instrumentos para uma educação popular, como alimentadores de um processo educativo transformador.

Na visão de Mario Kaplún, cada tipo de educação tem o seu correspondente em uma determinada concepção, em uma determinada prática de comunicação. Por isso ele estudou a relação das concepções consideradas fundamentais e as subdividiu em duas categorias aqui apresentadas:

a) Modelo exógeno	-	1. Educação com ênfase nos conteúdos
-------------------	---	--------------------------------------

¹⁰ “En cierto modo, se puede decir que es un modelo gestado em América Latina. Aunque recibió valiosos aportes de pedagogos y sociólogos europeos y norteamericanos, em nuestra región Freire y outros educadores Le imprimen su clara orientación social, política y cultural y La elaboran como una ‘pedagogía Del oprimido’, como una educación para La democracia y un instrumento para La transformación de La sociedad.” In.: Mario Kaplún, *Una pedagogia de La comunicación – El comunicador popular*, p.45

(educação = objeto)	(educação = objeto)
	- 2. Educação com ênfase nos efeitos
b) Modelo endógeno	- 3. Educação com ênfase nos processos
(educando = sujeito)	

A educação 1 enfatiza os conteúdos e corresponde à educação tradicional. Baseia-se na transmissão de conhecimentos e valores de uma geração a outra, do professor ao aluno, da elite instruída às massas ignorantes. A Educação com ênfase nos efeitos ou a também chamada de “engenharia do comportamento”, consiste essencialmente em “moldar” a conduta da pessoa com objetos previamente estabelecidos.

A Educação com ênfase nos processos destaca a importância do *processo* de transformação da pessoa e das comunidades. Não se preocupa tanto com o conteúdo que é comunicado, nem com os efeitos, no que diz respeito ao comportamento, mas se preocupa com a interação dialética entre as pessoas e a realidade, com o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e da consciência social. Por isso o seu nome é “processual”.

Mario Kaplún compara três modelos educacionais com três formas de conceber a comunicação. Para ele, assim como existiu a Educação Bancária, existiu também a Comunicação Bancária que concebia, e em alguns casos ainda concebe, o processo comunicacional como transmissão de informação – que é o velho e conhecido esquema da Comunicação: Emissor (E) que envia a sua mensagem (M) a um receptor (R)¹¹

A segunda comparação foi realizada entre a Educação dos Efeitos e a Comunicação Persuasiva. Nessa segunda perspectiva, o comunicador é, para Kaplún, uma espécie de arquiteto da conduta humana. O terceiro modelo, o endógeno, está totalmente focado na pessoa e enfatiza o processo, fundamental para entender a Educomunicação, é basicamente referenciado em Paulo Freire. É denominado de educação libertadora ou transformadora: ação → reflexão → ação.

¹¹ Os pressupostos aqui apresentados foram publicados por Kaplún pela primeira vez em 1985. À época da publicação era relevante marcar as diferentes concepções de comunicação.

Baseado no livro *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, o terceiro modelo tem como pressuposto central a educação para a democracia e como instrumento para a transformação da sociedade. Suas bases são a práxis, “*reflexão e ação do homem sobre o mundo para transformá-lo*”.¹²

O objetivo dessa concepção é assumidamente de formação e transformação. Em termos de educação, a concepção é a seguinte: um educador – educando com um educando – educador. Acredita-se que ninguém se educa sozinho; os homens se educam entre si mediados pelo mundo. “Essa trajetória na qual os homens se educam entre si é precisamente o processo educativo” (KAPLÚN, 2002, p. 45).

A ênfase no processo significa ver a educação como um processo permanente, no qual o sujeito vai descobrindo, elaborando, reinventando, fazendo do conhecimento algo seu. Um processo de ação-reflexão-ação que o educando produz a partir de sua realidade, a partir da sua experiência, desde sua prática social, juntamente com todos os outros que participam desse processo.

Os pressupostos da educação processual tiveram em Paulo Freire a sua fundamentação teórica e principalmente ideológica. O papel do educador, na educação processual, é acompanhar o educando, estimular o processo de análise e reflexão não só para facilitar, mas também para aprender e construir junto. A estratégia é a problematização, que deve auxiliar a pessoa a desmistificar sua realidade, tanto física como social.

A proposta na perspectiva processual é “aprender a aprender”, para que o educando consiga raciocinar por si mesmo, para que ele consiga superar as constatações meramente empíricas e imediatas das práticas que o rodeiam (consciência ingênua). É uma tentativa de fazer com que o educando consiga desenvolver a sua própria capacidade de deduzir, relacionar, de elaborar sínteses (consciência crítica). Contudo, consciência crítica em Kaplún está relacionada com as concepções freirianas e não frankfurtianas, mesmo que as bases sejam próximas e parecidas.

O modelo apresentado por Kaplún para a Comunicação Popular baseia-se na participação ativa do sujeito no processo educativo e tem a perspectiva de formar para a

¹² Cabe comentar que esse também é o pressuposto central para Soares: através da reflexão e principalmente da capacidade de ação humana, o ser humano pode transformar o meio ao qual ele pertence.

participação social. A aprendizagem, para o autor, ocorre justamente na participação, no envolvimento, na investigação, fazendo perguntas, buscando respostas, problematizando e principalmente problematizando-se. “A aprendizagem ocorre no vivido, no que é recriado, no que se reinventa e não somente no que se lê e se escuta [...] A aprendizagem somente ocorre quando é processual e quando também há gestão dos educandos” (KAPLÚN, 2002, p. 46).

Questão do erro – Para Kaplún, na educação processual o erro não é excluído, não se vê o erro como falha. Assume-se como uma etapa necessária na busca, no processo que procura a verdade. Nessa concepção, não há erro, mas aprendizagem. Assume-se o erro como força geradora, problematizadora. “Sabe-se que sem crise dificilmente há crescimento” (KAPLÚN 2002, p. 47).

O educando participa do processo para se formar refletindo e agindo. No processo de formação, o objetivo não é expor ao sujeito-educando o que o faz acrítico, alienado na sua visão de mundo de dominado. Mas o processo não oculta as contradições entre a visão de mundo e a outra perspectiva, democrática e libertadora, de cuja construção participa. “Para que haja um processo de transformação real, é necessário que os estereótipos e os hábitos do homem dominado aflorem a sua consciência e ele vá, pouco a pouco, revisando-os criticamente” (KAPLÚN 2002, p.47).

A educação nessa perspectiva nunca é individual, mas sempre grupal. “Ninguém se educa sozinho”, mas através de experiências compartilhadas, na integração com os outros. Esse tipo de educação pode até utilizar recursos audiovisuais ou outros recursos tecnológicos. Não para reforçar conteúdos, mas sim para problematizar e estimular discussões, diálogos, reflexões e a participação.

As metas, nos níveis psicossociais e culturais da Comunicação Popular, são:

- ✓ Favorecer a tomada de consciência do educando em relação à sua própria dignidade, seu valor como pessoa; e
- ✓ Ajudar o sujeito da classe popular a superar seu “sentimento apreendido” de inferioridade, recompondo sua auto-estima e recuperando a confiança em suas capacidades criativas.

É uma educação comprometida com o social, principalmente comprometida com os excluídos e que se propõe a contribuir com a sua libertação. Sua mensagem

central é a liberdade essencial que todo homem tem que realizar. O seu objetivo é de que o sujeito pense e que esse pensar o leve a transformar a sua realidade.

A educação sempre ocorre em grupo. Educar em grupo não significa que o educador não deva passar informações. O educador popular deve passar as informações sempre que for necessário, mas problematizando, e as informações sempre devem responder a uma prévia problematização, a uma necessidade que o grupo sente, a uma pergunta que o grupo se formula, a uma busca, a uma inquietação.

Se a inquietação não existe, a primeira tarefa do educador popular é despertá-la, fazer com que as perguntas surjam, problematizar. Somente assim a informação oferecida pelo educador contribuirá. Dessa forma o grupo vai incorporar as perguntas e as respostas, fazendo-as suas.

Para Kaplún somente o diálogo comunica. Comunicação em Kaplún é representada da seguinte forma: a raiz da palavra Comunicação é do latim *communis* = colocar em comum, algo com o outro. É a mesma raiz de comunidade, de comunhão. Expressa algo que se compartilha, que se tem ou se vive em comum. Segundo o pesquisador, foram os norte-americanos os grandes propulsores da Comunicação e principalmente do equívoco que dominou os meios de comunicação social como comunicação, que no princípio eram chamados somente de “*mass media*”, meios massivos ou de massas. Posteriormente, para legitimar-se e afirmar o seu prestígio, eles, os meios através dos seus dirigentes, se autodenominaram “meios de comunicação social” se apropriando do termo comunicação (KAPLÚN 2002, p.54).

A forma de operar os meios se converteu em modelo referencial, em paradigma de comunicação. Para estudá-lo, foi construída toda uma Teoria da Comunicação que se centrava exclusivamente na transmissão de sinais de mensagens. Dessa forma, de acordo com Kaplún, ao invés de partir das relações humanas, foi a técnica, a engenharia, a eletrônica e as poderosas empresas proprietárias dos meios que impulsionaram a forma de conceber a comunicação. O autor explica que outra forma que também contribuiu para a redução do conceito de comunicação é o caráter autoritário e hierárquico de nossa sociedade. A relação emissor–mensagem –receptor descreve uma forma correta, um feito que é permanente no centro da nossa sociedade autoritária e estratificada. É assim que se comunicam:

o chefe com seus subordinados;
o empresário com os trabalhadores;
o oficial com os soldados;
o professor com os alunos;
o pai de família com seus filhos;
o governador com os governados;
o grande jornal com seus leitores;
o rádio e a televisão com seus usuários;
a classe dominante com a dominada;
as grandes potências com os povos do Terceiro Mundo...

Os setores populares, no entanto, não querem continuar sendo meros ouvintes; eles querem falar e também querem ser escutados, querem ser interlocutores. “No fundo das concepções de comunicação apresentadas o que há é uma questão básica que a humanidade enfrenta que é definir o que entendemos por comunicação, equivale a dizer em que classe de sociedade que queremos viver” (KAPLÚN 2002, p. 57).

Comunicação dominadora	Comunicação democrática
Monólogo	Diálogo
Poder	Comunidade
Vertical	Horizontal
Unidirecional	De dupla via
Monopolizada	Participativa
Concentrada nas minorias	A serviço das majorias

Para Kaplún todo receptor é um emissor. Todo ser humano está dotado e tem faculdades para ambas as funções – emitir e receber – e tem o direito de participar do processo de comunicação, atuando alternativamente como emissor e receptor. Por isso, Mario Kaplún defende que o comunicador popular deva também conhecer a linguagem dos meios para poder usá-los, dando assim voz aos educandos ou a comunidade. O comunicador popular, na perspectiva aqui apresentada, deve conhecer os meios, saber utilizar a linguagem, conhecer os processos da educação popular e, sobretudo, saber em qual sociedade vive e principalmente em qual sonha viver.

A Educomunicação

Em 1999, após o relatório final do projeto Perfil, aqui já apresentado, Soares publica um dos primeiros textos com o termo Educomunicação – ele particularmente não cria uma nova área de conhecimento, uma nova habilitação, mas tenta legitimar práticas dos comunicadores populares e sistematizar o movimento social em torno do que até então também era chamado de comunicação/educação ou inter-relação comunicação e educação. Soares, então, diz que existe um campo emergente de intervenção social cuja prática é realizada por alguém denominado educador. O termo *educador* é apresentado por prever características de atuação mais amplas das quais o comunicador popular exercia. Logo, a área foi batizada com o nome de Educomunicação, com o objetivo de incluir as diversas práticas existentes. A sistematização das práticas resultou, com o objetivo de organização e melhor caracterização, em cinco subáreas.

- ✓ **expressão comunicativa** através do uso dos recursos da informação e das artes;
- ✓ **educação para a comunicação**, configurada nos esforços sistemáticos de educadores no sentido de colaborar com os usuários dos meios massivos na formação do que Paulo Freire chamou de “consciência crítica” frente às mensagens editadas e veiculadas por poderosos sistemas de comunicação;
- ✓ **mediação tecnológica nos espaços educativos**, constituída pelos esforços no sentido de identificar a natureza da interatividade propiciada pelos novos instrumentos da comunicação, e de democratizar o acesso às tecnologias, desmistificando-as e colocando-as a serviço de toda a sociedade;
- ✓ **gestão da comunicação nos espaços educativos**, caracterizada pela abordagem sistêmica das relações entre os recursos da comunicação e as atividades humanas, garantindo um planejamento e uma implementação organizada dos recursos da informação destinada a garantir a eficácia na construção dos *ecossistemas comunicativos* – a subárea da gestão da comunicação nos espaços educativos é a que garante coordenação e eficiência às demais áreas, permitindo que se obtenha visibilidade para as ações educacionais; e

- ✓ **reflexão epistemológica** sobre o campo da educomunicação que inclui a pesquisa e a avaliação sistemática, destinadas a compreender a complexidade das relações entre Comunicação e Educação.

Cada subárea tenta representar as práticas dos educadores na intervenção social. A ONG Imagem Comunitária, por exemplo, atua nas subáreas: expressão comunicativa e educação para comunicação. O Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, ao desenvolver pesquisas sistematizadas, atua tanto na gestão da comunicação, bem como na reflexão epistemológica. Alguns grupos atuam em uma ou em até mais que duas áreas simultaneamente, pois elas não são hierárquicas e muito menos sobrepostas.

A organização da Educomunicação, aqui apresentada, em subáreas teve como objetivo demonstrar o quanto o campo de intervenção social já tinha em 1996 se expandido. A intenção, a época, era conquistar o reconhecimento acadêmico e propor que o ofício fosse oferecido regularmente na academia, seja como disciplina nas graduações existentes – campo da Comunicação e campo da Educação -, como graduação ou, ainda, em um projeto mais arrojado, como licenciatura para o campo da Comunicação. Infelizmente a discussão sobre a Educomunicação tem sido reduzida ao uso dos meios de comunicação, ou tecnológicos, nos espaços educativos ou as lutas de poder existentes no campo da Comunicação. No entanto, acreditamos que é justamente agora, que o campo da Comunicação está se auto-avaliando – pensando sobre seus referenciais teóricos e metodológicos – é que a Educomunicação deva estar presente, apresentando outras formas de pensar, perceber e viver a própria comunicação.